

Escrita, para que te quero?²

*Iúta Lerche Vieira*³

É importante lembrar as múltiplas funções e propósitos da escrita, despercebidos na pressa do cotidiano, ou nas atividades repetitivas da escola. Ter consciência desse potencial significativo da linguagem é “pedra de toque” para o desenvolvimento da escrita pragmática ou criativa.

Escrevo porque há atos sociais e pessoais que só têm significado na permanência do escrito. Escrevo sim. Para me identificar, para assinar meu nome e marcar meu lugar no mundo. Firmar acordos, desmanchar pactos ou registrar propriedade. Escrevo, sobretudo para me comunicar com os outros e comigo mesmo(a). Para estabelecer novas relações ou manter as existentes. Redigir cartas, deixar recados, passar telegramas, fax, e-mails. E contar casos, manifestar sentimentos, descrever emoções... Pedir ajuda, agradecer, convidar, oferecer serviços, procurar emprego, dar instruções. Elogiar, prestar solidariedade, reclamar, convencer. Mover ações, criticar, corrigir falhas. Defender pontos de vista, discordar e até atacar.

Escrever para coisas simples ou para momentos especiais... Agendar o que é preciso fazer, listar coisas, fazer lembretes, registrar nomes e eventos. Assinar cheques, fazer crediário, preencher formulários e cadastros mil... Copiar o que é importante na escola, no trabalho, no dia-a-dia, Elaborar pensamentos, expor, sintetizar ou expandir ideias. Fazer e responder tantas perguntas. Rever o outro e a nós mesmos(as), selecionar o que nos toca de perto ou o que nos desafia de longe... Transpor os degraus do mundo do trabalho, da ciência e da arte.

Escrever a alegria e a dor, dizer do amor e da saudade. Fazer humor e travar batalhas. Registrar lembranças, instrumentar o cotidiano ou anteciper o futuro. Dar asas à imaginação, brincar com a lingua-

2 Prólogo do livro com o mesmo nome (Fortaleza, Edições Demócrito Rocha, 2005) originalmente divulgado na página do Conselho de Educação do Ceará <<http://www.cec.ce.gov.br>> em novembro de 1999.

3 Iúta Lerche Vieira é professora da Universidade Estadual do Ceará, Doutora em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas pela PUC de SP, com Pós-Doutorado em Letramento Digital na UNICAMP.

gem, exercitar a fantasia, jogar com palavras, produzir imagens novas. Criar efeitos, rimas, cadências e ritmos especiais... Ser claro ou confuso, breve ou repetitivo. Dizer o explícito e sugerir o implícito...

Tantas e tantas coisas fazemos com a linguagem nos textos nossos de cada dia! Formatos padronizados, fórmulas estereotipadas. Gêneros em permanente processo de aprendizagem. Metáforas de metáforas, imagens de imagens, textos, intertextos e hipertextos... Tantos significados por escrever, mas tanto papel desperdiçado em palavras inúteis, pouco generosas e mal escritas!

Ah, esse imenso e rico mundo da escrita que nos chega na leitura e na experiência de uma sociedade letrada! Quase impossível entender como “os filhos do analfabetismo”⁴ sobrevivem! Para nós, cidadãos da palavra, herdeiros desse privilegiado mundo, quer no uso mecânico e prosaico ou em funções mais elaboradas em prosa ou poesia, tudo passa pelo que lemos e escrevemos! Mais que um legado, uma arte ou um dom, mais que instrumento de poder, a escrita é necessidade diária inadiável e insubstituível. Manuscrita, transcrita ou reescrita. Lentamente construída na arbitrária relação de letras e sons que vão se tornando textos na composição dos sentidos. Ou automaticamente produzida e facilitada nas operações de um computador de última geração. Sempre e novamente escrita...

Um lamento: os “filhos do analfabetismo”, virtuais destinatários deste texto, não podem lê-lo, nem tampouco vislumbrar a totalidade do que lhes é negado. Uma constatação: os mestres, nem sempre usuários da escrita em sua diversidade, ainda não conseguiram abrir de verdade as portas desse mundo aos que nela batem...

4 A expressão cunhada por Emília Ferreiro, é título por ela organizado e publicado pelas Artes Médicas em 1990. O livro reúne propostas para alfabetização escolar na América Latina e resultou de um encontro latino-americano realizado no México em 1987.